

METROPOLIZAÇÃO E NOVOS ARRANJOS ESPACIAIS: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM HORIZONTE E PACAJUS (CE)

Edilson Alves Pereira Júnior¹

RESUMO

A recente industrialização dos municípios de Horizonte e Pacajus, além de seguir o quadro de localização industrial dos pólos de desenvolvimento, se completa através de um importante processo de organização do espaço, aquele que configura uma maior difusão das atividades, das funções e dos equipamentos no entorno da Região Metropolitana de Fortaleza. Com o objetivo de discutir tais questões, o presente artigo visa a refletir sobre a reorganização espacial nesses municípios e analisar as novas relações que os mesmos passam a estabelecer com a capital cearense. O processo, na verdade, indica um novo arranjo espacial fortemente marcado pelas feições de uma região metropolitana, mediante as quais, em seu interior, destaca-se uma gama de atividades de produção e consumo, e em sua organização consolida-se uma interdependência hierarquizada das diferentes funções. Evidencia-se uma expansão industrial iniciada na capital e ampliada em direção a outros municípios localizados na região circunvizinha, em que o novo quadro territorial metropolitano de Fortaleza aponta para o desenvolvimento de novas funcionalidades, bem como para a concentração de empreendimentos no “corredor Horizonte-Pacajus”.

Palavras-chave: Industrialização. Metropolização. Reestruturação do espaço.

ABSTRACT

The recent industrialization of the municipal districts of Horizonte and Pacajus, besides following the picture of industrial location of the development poles, is completed through an important process of organization of the space, that configures a larger diffusion of the activities, of the functions and of the equipments in I spill it of the Metropolitan Area of Fortaleza. With the objective of discussing such subjects, the present article seeks to contemplate about the space reorganization in those municipal districts and to analyze the new relationships that the same ones start to establish with the capital from Ceará. The process, actually, indicates a new space arrangement strongly marked by the features of a metropolitan area, by the ones which, in your interior, she stands out a range of production activities and consumption and in your organization she consolidates a nested interdependence of the different functions. An initiate industrial expansion is evidenced in the capital and enlarged in direction the other located municipal districts in the adjacent area, in that the new metropolitan territorial picture of Fortaleza appears for the

¹ Geógrafo, Mestre em Geografia e professor do Departamento de Geociências da Universidade Estadual do Ceará - UECE. E-mail: capjunior@uol.com.br.

development of new functionalities, as well as, for the concentration of enterprises in the "corridor Horizonte-Pacajus".
Key-words: Industrialization. Metropolization. Reorganization of the space.

O espaço, produzido enquanto mercadoria e apropriado pelas necessidades de acumulação do capital, serve cada vez mais aos interesses das relações de produção capitalista. Tendencialmente ele entra no circuito da troca, atrai capitais que migram de um setor da economia para outro, é banalizado, explorado, fragmentado e, por fim, acaba sendo moldado segundo operações determinadas pelas leis que garantem a reprodução dos mecanismos de mercado.

A expansão do caráter mercantil do espaço se legitima quando se acentua a divisão do trabalho, uma especialização da produção e das funções socioeconômicas no território. Quando isso acontece, as atividades econômicas produzem uma centralidade disposta a suprir uma demanda muito mais ampla do que a do mercado local. A cidade, então, se especializa, e nesse contexto novas parcelas do espaço se encadeiam ao longo de um circuito de trocas.

Com base nessas noções, o presente artigo busca refletir sobre a industrialização e a metropolização em Horizonte e Pacajus (CE). Atingidos pelas novas combinações que se configuram na dinâmica industrial do Estado do Ceará, esses municípios, localizados na Região Metropolitana de Fortaleza, vêm redefinindo importantes elementos na sua organização sócio-espacial. Além de destacar o papel das políticas estaduais de interiorização da indústria e das particularidades municipais, imprescindíveis na atração de novos investimentos, o trabalho analisa o papel fundamental da metropolização de Fortaleza na dinâmica que se consubstancia, enfatizando, finalmente, a multiplicidade de fatores que garantem a consolidação do processo.

1 ACUMULAÇÃO CAPITALISTA, INDUSTRIALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO EM HORIZONTE E PACAJUS

Horizonte e Pacajus apresentaram como elemento ordenador de seu crescimento econômico a BR-116, rodovia que liga os municípios a Fortaleza (direção norte) e ao interior do Estado (direção sul). Até a década de 1960, suas economias foram orientadas, sobretudo, pelo tráfego desenvolvido nessa rodovia, uma vez que o comércio local estava diretamente atrelado ao fluxo de carros que diariamente cruzavam e muitas vezes paravam nas cidades.

Em meados da década de 1970, os municípios sofrem um forte impulso econômico, em decorrência do desenvolvimento de atividades como a cajucultura e a avicultura. Tendo como destaque Pacajus, a cajucultura engendra mudanças importantes na economia local, haja vista que aumenta de forma significativa o número de empregos na agricultura e transforma o comércio numa atividade de destaque. Também é responsável pela instalação de empresas de grande porte, primeiro passo para um maior dinamismo na organização sócio-espacial do município.

Sendo menos atingido pelos benefícios do caju, Horizonte, até então distrito de Pacajus, logo assumiu relevância, em decorrência do desenvolvimento da avicultura. Com a instalação de significativos investimentos no setor, a economia local cresceu e o distrito avançou no sentido de se tornar um dos maiores produtores avícolas do Estado. Tal impulso, inclusive, constituiu-se num forte estímulo para sua emancipação de Pacajus, concretizada em 1987.

Mas apesar de transformarem elementos importantes da economia local, as atividades citadas não alteraram significativamente a base socioeconômica dos municípios. A agricultura de subsistência e o comércio de "beira de estrada" ainda mantinham a tônica das relações sócio-espaciais até a década de 1990.

É justamente esse quadro que começa a se modificar com a inserção de novos investimentos no setor industrial. Iniciado na década de 1990, o atual processo de industrialização propicia mudanças nos equipamentos e nos fluxos urbanos, resultando em novas formas de apreensão do território. A indústria passa então a assumir o papel de comando da economia local,

multiplicando o emprego no setor secundário e inserindo diferentes relações de trabalho nos municípios.

Novas modalidades de consumo do espaço também são empreendidas pelas relações industriais. A partir de uma ampliação nos circuitos espaciais de produção (SANTOS, 1986), a indústria passa a imprimir relações bem mais intensas dos municípios com outros pontos do País. Isso pode ser confirmado através dos fluxos realizados com a Região Metropolitana de Fortaleza e com outras regiões fora do Estado.

A compreensão das mudanças que atualmente se consubstanciam em Horizonte e Pacajus passa pela interpretação do espaço, não como um mero receptáculo das coisas produzidas pela atividade humana, mas como um meio e objeto de trabalho universal, constituído como necessidade e condição prévia de toda a atividade prática, econômica e social.

Refletido a partir dessa perspectiva, ele próprio, o espaço, se constitui numa força produtiva. Uma materialidade que conduz e suporta a sociedade. Para falar como Lefebvre (1974), um intermediário em todos os sentidos do termo, isto é, um meio e um instrumento, um ambiente e uma mediação. Sendo assim, não poderíamos pensar no espaço como uma dimensão inocente e homogênea. Seu significado abrange uma representação que veicula as normas e valores de uma dada sociedade. Trata-se de uma produção social, mas não só isso, é também uma “re-produção” dos objetos, dos valores, das necessidades; enfim, reprodução das relações sociais de produção.

A importância dessa reflexão para o estudo de Horizonte e Pacajus está na abrangência que ela fornece à análise de suas reestruturações. Uma vez que se aceite a organização do espaço como um produto e uma condição da prática social, torna-se mais fácil compreender as relações de totalidade que se dão no bojo do processo de industrialização desses municípios.

A industrialização de Horizonte e Pacajus em nenhum momento se coloca como uma dinâmica erigida dos próprios municípios. O movimento está intimamente ligado ao atual quadro de mudanças pelo qual vem passando o “capitalismo tardio” e os seus reflexos no Brasil e no Ceará. Enxergando o novo processo de organização mundial, no qual as forças produtivas alcançam um grau de desenvolvimento impressionante, graças aos estímulos do avanço tecnológico, reconhecemos uma ampliação por demais significativa dos meios que garantem a reprodução do capital. Este, disseminado já há algumas décadas pelos países capitalistas periféricos, agora se apresenta consumindo novos lugares e impondo os ditames da produção industrial, na tentativa de construir uma geografia mais racionalizada.

A integração de Horizonte e Pacajus nos novos processos de competitividade e rentabilidade internacionais significa também a sua inclusão no ordenamento criado pelas práticas globais de ampliação dos superlucros. A chegada da atividade industrial, um processo que vai reorganizando a divisão territorial do trabalho, institui nos municípios os referenciais de mundialização das trocas, sempre dispostos a satisfazer as necessidades de expansão do sistema capitalista. O espaço de Horizonte e Pacajus é, nesse sentido, um espaço que gradativamente se submete a um jogo de decisões tomadas, cada vez mais, por articuladores que estão distantes desses lugares.

Constatamos em Horizonte e Pacajus, então, uma ação mais intensa da lógica organizacional integradora das cadeias produtivas. Ao romper com as relações mais tradicionais de conexão espacial, as recentes empresas criam laços de integração e dependência com os mais diversos centros de produção e consumo no mundo, evidenciando que os novos sistemas de técnicas cada vez mais exercem um papel de combinação com os municípios.

Com a transferência de processos industriais para esses “novos lugares”, opera-se a correlação de forças econômicas externas com os tradicionais componentes de acumulação, uma ampliação do eixo de comunicação do local com o global. Mas, assim como os novos lugares se apresentam para o capital injetando-lhe energia na reprodução das relações de acumulação, o deslocamento dos circuitos de operação também mudam os processos no lugar, vinculando novos valores à organização econômica de suas principais cidades.

Assim, pensar na industrialização em Horizonte e Pacajus é pensar na chegada de uma nova ordem que não mais prioriza os componentes sociais e econômicos diretamente ligados ao

local. A chegada da indústria significa também a redefinição de todo um corpo de valores que emerge sob a resistente influência de uma lógica racionalista. Seu espaço, produto, condição e meio do processo de reprodução social reflete todas as mudanças, evidenciando uma reestruturação que se dá exatamente a partir desse novo jogo de forças.

Na verdade, o que temos é a inserção dos municípios na ciranda de acumulação do capital. Trata-se de um jogo de dominação no qual Horizonte e Pacajus se prontificam a receber os principais componentes de acumulação capitalista, neste caso a indústria, e em troca apreendem um volume de energia responsável tanto pelo dinamismo da produção e da circulação de riquezas, quanto pela grandeza absoluta e relativa dos problemas sociais.

Tais contradições encontram no espaço, sobretudo no espaço urbano, suas possibilidades de materialização. Ao se apresentar como produto, condição e meio para a reprodução dos valores de mercado, o espaço urbano de Horizonte e Pacajus se vê cada vez mais organizado segundo os padrões estratégicos de consolidação e manutenção da ordem capitalista. É conveniente insistir que essa (re)produção não se resume ao caráter *stricto sensu*, indo além da produção de bens e mercadorias e alcançando as relações sociais e culturais desenvolvidas.

Nesse sentido, a reestruturação espacial de Horizonte e Pacajus permite detectar que no bojo da instalação dos valores modernos erigem-se as contradições que determinam uma vida social modificada. O espaço, então, passa a ser apreendido de diferentes formas, sendo transformado cada vez mais num instrumento. Ele é fragmentado, especializado e, por fim, consumido através de premissas fundamentadas nas relações capitalista de produção. Todavia, é nesse mesmo espaço que estão depositadas todas as esperanças de transformação qualitativa da sociedade, transformação erigida pelo próprio meio social e aparelhada no sentido de detonar avanços políticos substanciais em direção à democratização.

2 HORIZONTE E PACAJUS FACE À METROPOLIZAÇÃO DE FORTALEZA

Além de se imporem como um território definido pelo arranjo industrial, os municípios de Horizonte e Pacajus evidenciam um outro processo de ordenação do espaço, aquele que configura maior difusão das atividades, das funções e dos equipamentos no entorno da Região Metropolitana de Fortaleza. Conforme afirma Silva (2000), o novo quadro territorial metropolitano de Fortaleza aponta para a concentração de empreendimentos industriais no trecho chamado por ele de “corredor Horizonte/Pacajus”.

O processo, na verdade, indica a expansão industrial iniciada na capital e ampliada em direção a outros municípios localizados na região circunvizinha. A chegada da indústria em Horizonte e Pacajus se deve, por um lado, à presença abundante de mão-de-obra barata, aos benefícios fiscais e à intensa ação das lideranças políticas locais. No entanto, todos os fatores anteriores só se completam diante da estratégica posição geográfica do lugar, localizado num ponto de rápido e fácil acesso à capital metropolitana. Não é à toa que a BR-116 expressa um papel tão importante para a rede de fluxos que evidencia a relação do lugar com Fortaleza. Foi a presença desta rodovia que garantiu a Horizonte e Pacajus uma comunicação ativa com a metrópole, condicionando-os à instalação dos investimentos já citados. Toda essa importância está refletida no intenso tráfego de pessoas e produtos realizado diariamente neste trecho da BR.

Ao contrário do que foi amplamente divulgado pelos programas de interiorização dos investimentos econômicos, a industrialização de Horizonte e Pacajus se explica muito mais pelo extravasamento das atividades de produção de Fortaleza do que pelos efeitos de desconcentração industrial para o interior do Estado. Por estar fora da Região Metropolitana de Fortaleza até o final do ano de 1999 e, conseqüentemente, possibilitar um desconto de até 75% de ICMS para as inversões industriais, o processo de industrialização no lugar foi alardeado como um dos principais programas de interiorização da indústria². A maior evidência dessa situação é a

² Isso pode ser observado em artigos dos jornais O Povo (12/março/1994), Diário do Nordeste (22/novembro/1998), Folha de S.Paulo (19/setembro/1999) e Gazeta Mercantil (20/janeiro/1999 e 20/setembro/1999).

inclusão dos municípios, junto com Chorozinho e São Gonçalo do Amarante, na Região Metropolitana em 29 de dezembro de 1999³.

Apesar dos visíveis investimentos na indústria, os demais setores da economia de Horizonte e Pacajus ainda cultivam uma relação de completa dependência de Fortaleza, uma vez que o comércio e os serviços prestados nos municípios apresentam uma feição bem modesta e o consumo de um terciário mais sofisticado continua sendo realizado na capital do Estado. Demonstra-se, então, aquilo que Castells (1983, p. 53-54) já dizia acerca das feições de uma região metropolitana, mediante as quais, em seu interior, destaca-se uma gama de atividades de produção e consumo e em sua organização evidencia-se uma interdependência hierarquizada das diferentes atividades.

A inclusão dos municípios no desenho metropolitano confirma também a tendência de um outro processo. Dado ao caráter de modernização dos equipamentos e considerando a sua maior inserção na dinâmica de funcionalidade da metrópole, Horizonte e Pacajus fortalecem o discurso levantado por Amora (1999) acerca do rumo tomado pela Região Metropolitana de Fortaleza nos últimos anos. Para essa autora, a recente incorporação de outros municípios através de novas atividades produtivas propicia um verdadeiro sentido à área metropolitana criada institucionalmente na década de 70⁴. O caso de Horizonte e Pacajus⁵ vem confirmar o processo iniciado com a instalação do 1º Distrito Industrial, em Maracanaú, acentuando a incorporação de outros núcleos urbanos ao comando central da metrópole.

À medida que evidencia uma forte gama de relações com os municípios vizinhos, cujo arranjo espacial passa a se organizar de forma hierarquizada, a Região Metropolitana de Fortaleza torna-se cada vez mais um centro difusor de inovações, transformando o território institucionalmente conhecido como metropolitano numa unidade de funcionamento real.

O processo, entretanto, tende a acentuar a concentração das riquezas estaduais na área mencionada. Mesmo considerando o crescimento de alguns centros localizados no interior do Ceará, como são os casos de Sobral, Crato e Juazeiro do Norte, os números analisados nas últimas décadas revelam uma concentração da renda e da produção industrial na Região Metropolitana de Fortaleza, situação levemente ampliada com a inserção dos quatro municípios em 1999⁶. A Tabela 1 se utilizando do consumo de energia industrial e do Produto Interno Bruto, confirma o papel de centralidade assumido pela RMF diante do Estado.

Tabela 1 - Consumo de energia industrial e Produto Interno Bruto - Região Metropolitana de Fortaleza e restante do Estado

Ano	Região Metropolitana		Restante do Estado	
	Consumo de energia industrial (%)	Produto Interno Bruto (%)	Consumo de energia industrial (%)	Produto Interno Bruto (%)
1980	71,7	58,9	28,3	41,1
1991	75,6	71,2	24,4	28,8
1996	72,3	67,3	27,7	32,7

Fontes: IPLANCE e IPEA

³ Segundo a Lei 12.989, de 29 de dezembro de 1999, Chorozinho, Pacajus, Horizonte e São Gonçalo do Amarante se incorporaram à Região Metropolitana de Fortaleza, ampliando de nove para treze o seu número de municípios (Silva, 2000, p. 231).

⁴ Segundo Amora (1999, p. 36), o processo de “metropolização compreende não só a periferização de uma cidade, mas a incorporação de outros núcleos urbanos sob o comando de um núcleo central, num jogo de forças econômicas, políticas, sociais e culturais que se inserem em um espaço densamente urbanizado”.

⁵ E não só esse, mas também o crescimento da indústria em Caucaia e todos os empreendimentos programados para o complexo industrial e portuário do Pecém.

⁶ “Mesmo não sendo tão fortes os impactos decorrentes da incorporação dos novos municípios, a referida ampliação da área tem consistente efeito político-administrativo” (Silva, op. cit., p. 232).

Diante do exposto, constatamos que o atual processo de produção do espaço urbano em Horizonte e Pacajus sofre significativa influência da dinâmica da metrópole. A implantação de uma cadeia de novas relações possibilita aos municípios um maior agrupamento espacial das atividades, na qual a indústria se coloca como mecanismo mais influente para a atual dinâmica de organização do território. Mas, assim como é consolidado a partir da metropolização, Horizonte e Pacajus concedem ao processo uma conotação bem mais acentuada, remetendo à Região Metropolitana de Fortaleza um caráter funcional e de maior concentração de riquezas.

Horizonte e Pacajus impõem-se como uma mancha no traçado urbano descontínuo da Região Metropolitana, uma evidência de que o processo industrial, além de incluir o lugar no ambiente físico e funcional de Fortaleza, também o insere na rede de interdependência que garante ao sistema produtivo uma melhor operacionalidade.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao estudar a industrialização dos municípios de Horizonte e Pacajus é preciso considerá-los como frações de um novo quadro que se desenha em diferentes escalas.

Como objetos e sujeitos de uma ação global, uma vez que os investimentos que chegam superam inúmeras limitações espaciais de produção e consumo, Pacajus e Horizonte não se esgotam em si mesmos, isto é, ao invés de se fecharem num processo endógeno, parecem muito mais penetrar numa ordem de alcance mundial.

Alinhadas a essa dimensão, novas modalidades de consumo do espaço também são empreendidas pelas relações industriais aí desenvolvidas. A partir de uma redefinição funcional dos circuitos espaciais da produção e do consumo, os municípios passam a imprimir relações bem mais intensas com a Região Metropolitana de Fortaleza, evidenciando o novo arranjo estabelecido com a capital cearense.

Os elementos apresentados como externalidades positivas, próprios do lugar, como os incentivos fiscais, o papel das lideranças políticas locais e a oferta de mão-de-obra barata, são aqui interpretados como mecanismos complementares de um processo que toma forma a partir de Fortaleza e extravasa para a hinterlândia próxima. A reestruturação do espaço de Horizonte e Pacajus não pode ficar alheia às mudanças recentemente engendradas pela metropolização de Fortaleza, sendo mesmo um resultado das novas funcionalidades desenvolvidas pela Capital.

Dessa maneira, ao escolher esses dois municípios como objeto de análise, nos colocamos na expectativa de levantar maiores reflexões para o avanço dos estudos que vêm discutindo as novas configurações do espaço cearense, sobretudo as vertentes que apontam para a realocação industrial e o redimensionamento do espaço urbano. Acreditamos, nesse sentido, que o trabalho possa contribuir para as pesquisas que analisam os rumos tomados pela Região Metropolitana de Fortaleza em sua marcha de expansão territorial.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Zenilde Baima. **As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste**. 1978. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1978.

_____. O espaço urbano cearense: breves considerações. In: AMORA, Zenilde Baima (organizadora). **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: FUNECE, 1999.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 29, nº 11, p.7-36, 1997.

BARRIOS, Sônia. A produção do espaço. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

- LEFEBVRE, Henri. **Espace et politique**. Tradução livre de Samuel Baima. Paris: Points Civilisation; 1974.
- LIMA, Luiz Cruz. A industrialização recente do Ceará: uma introdução. In: **Experimental**. São Paulo, nº 3, p. 101-116, 1997.
- MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (coleção Os Economistas).
- SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.
- _____. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel; 1990.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- SILVA, José Borzacchiello da. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.